

ELA DISSE

JODI KANTOR E MEGAN TWOHEY

Ela disse

*Os bastidores da reportagem
que impulsionou o #MeToo*

Tradução

Débora Landsberg

Denise Bottmann

Isa Mara Lando

Julia Romeu



COMPANHIA DAS LETRAS

Copyright © 2019 by Jodi Kantor e Megan Twohey

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Título original

She Said: Breaking the Sexual Harassment Story that Helped Ignite a Movement

Capa

Claudia Espínola de Carvalho

Preparação

Lígia Azevedo

Revisão

Jane Pessoa

Índice remissivo

Luciano Marchiori

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Kantor, Jodi

Ela disse : Os bastidores da reportagem que impulsionou o #MeToo / Jodi Kantor e Megan Twohey; tradução Débora Landsberg... [et al.]. — 1ª ed. — São Paulo : Companhia das Letras, 2019.

Título original: She Said : Breaking the Sexual Harassment Story that Helped Ignite a Movement.

ISBN 978-85-359-3304-8

1. Assédio sexual — Investigação 2. Assédio sexual de mulheres — Estados Unidos 3. Crimes sexuais — Estados Unidos 4. Indústria cinematográfica — Estados Unidos 5. Mulheres jornalistas — Estados Unidos 6. Relatório investigativo — Estados Unidos 7. Reportagem investigativa — Estados Unidos 8. Weinstein, Harvey, 1952 1. Twohey, Megan. II. Título.

9-31516

CDD-364.15973

Índice para catálogo sistemático:

1. Estados Unidos : Investigação jornalística : Problemas sociais
364.15973

Iolanda Rodrigues Biode – Bibliotecária – CRB-8/10014

[2019]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

facebook.com/companhiadasletras

instagram.com/companhiadasletras

twitter.com/cialetras

Para nossas filhas: Mira, Talia e Violet

Sumário

<i>Prefácio</i>	9
1. O primeiro telefonema	17
2. Segredos de Hollywood	43
3. Como silenciar uma vítima	71
4. “Controle positivo de reputação”	110
5. A cumplicidade da empresa	143
6. “Quem mais foi a público?”	184
7. “Vai haver um movimento”	210
8. O dilema na praia	234
9. “Não tenho como garantir que vou a Washington”	271
Epílogo: A reunião	315
 <i>Agradecimentos</i>	 333
<i>Notas</i>	339
<i>Índice remissivo</i>	363

Prefácio

Em 2017, quando começamos nossa investigação sobre Harvey Weinstein para o *New York Times*, as mulheres tinham mais poder do que nunca. O número de empregos ocupados quase que exclusivamente por homens — policial, soldado, piloto de avião — tinha diminuído tanto que por pouco não se extinguiu. Mulheres governavam países como a Alemanha e o Reino Unido e lideravam empresas como a General Motors e a PepsiCo. Em um ano de trabalho, era possível para uma mulher de trinta e poucos anos ganhar mais dinheiro do que todas as suas ancestrais tinham ganhado em suas vidas inteiras somadas.

Mas as mulheres continuavam a sofrer assédio sexual sem que ninguém fosse punido. Cientistas, garçonetes, animadoras de torcida, executivas e operárias tinham de sorrir diante de apalpações, olhares maliciosos e investidas indesejadas para receber a próxima gorjeta, o próximo salário ou o próximo aumento. O assédio sexual, mesmo que coibido pela lei, era rotina em alguns empregos. As mulheres que o denunciavam eram frequentemente ignoradas ou menosprezadas. As vítimas muitas vezes eram es-

condidas e afastadas umas das outras. Algumas pessoas achavam que a melhor opção era aceitar dinheiro como retratação, em troca de seu silêncio.

Enquanto isso, assediadores contumazes atingiam níveis cada vez mais altos de sucesso e louvor. Eles eram aceitos e até exaltados como meninos travessos. Era raro haver consequências sérias. Megan escreveu alguns dos primeiros artigos nos quais mulheres alegavam que Donald J. Trump as havia atacado — e então cobriu o triunfo dele na eleição de 2016.

Após revelarmos os assédios e abusos sexuais supostamente cometidos por Harvey Weinstein numa matéria de 5 de outubro de 2017, vimos, perplexas, o muro de uma represa se romper. Milhões de mulheres no mundo todo contaram suas próprias histórias de assédio. Muitos homens de repente tiveram de arcar com as consequências de seu comportamento predatório, em um momento de prestação de contas sem precedentes. O jornalismo havia ajudado a inspirar uma mudança de paradigma. Nosso trabalho foi apenas um dos catalisadores dessa mudança, que vinha sendo construída havia anos graças aos esforços pioneiros de feministas e acadêmicas, como Anita Hill, Tarana Burke (a ativista que fundou o movimento #MeToo) e muitas outras, incluindo colegas jornalistas.

Mas ver que as descobertas que tínhamos feito após uma investigação exaustiva ajudavam a realinhar posturas nos levou a perguntar: “Por que escrever essa matéria?”. Como disse um dos nossos editores, Harvey Weinstein nem era tão famoso assim. Num mundo onde tanta coisa parece estagnada, como uma mudança social sísmica dessas acontece?

Decidimos escrever este livro para responder a essas perguntas. Nada em relação a tal mudança foi inevitável ou previsível. Nestas páginas, descrevemos as motivações e as decisões dolorosas e arriscadas das primeiras fontes corajosas a quebrar o silêncio

que rodeava Weinstein. Laura Madden, uma ex-assistente dele que então se dedicava ao trabalho de mãe em tempo integral e morava no País de Gales, fez sua denúncia justamente enquanto se recuperava de um divórcio e estava prestes a fazer uma cirurgia mamária pós-câncer. Ashley Judd colocou sua carreira em risco, impelida por um período pouco conhecido de sua vida em que se afastou de Hollywood para mergulhar em reflexões abrangentes sobre a igualdade de gênero. Zelda Perkins, uma produtora de Londres cujas acusações contra Weinstein tinham de ser confidenciais devido a um acordo que ela assinara duas décadas antes, falou conosco apesar da possibilidade de sofrer punições legais e financeiras. Cada vez mais perturbado com o que sabia, um homem que trabalhava para Weinstein havia muito tempo teve um papel essencial e nunca antes revelado em nos ajudar a enfim desmascarar o chefe. O título *Ela disse* é intencionalmente complicado: escrevemos sobre aquelas que disseram algo, sobre as que decidiram não o fazer e sobre as nuances de quando, como e por quê.

Esta história também é sobre jornalismo investigativo e começa nos primeiros dias de incerteza da nossa apuração, quando ainda sabíamos muito pouco e quase ninguém queria falar conosco. Contamos como convencemos as pessoas a nos revelar segredos, como definimos informações e como corremos atrás da verdade sobre um homem poderoso, enquanto ele usava táticas desonestas para sabotar nosso trabalho. Além disso, pela primeira vez, reconstituímos nosso enfrentamento final do produtor — seu último ato de resistência — na redação do *New York Times*, logo antes da publicação da matéria, quando ele se deu conta de que estava sem saída.

Nossa investigação sobre Weinstein ocorreu durante um período de denúncias de fake news, quando a própria noção de um consenso nacional sobre o que é a verdade parecia estar se fragmentando. Mas o impacto das revelações sobre ele em parte foi

bastante grande porque nós e outros jornalistas conseguimos estabelecer um claro e gigantesco conjunto de provas das infrações. Nestas páginas vamos explicar como provamos a existência de um padrão de comportamento com base em relatos pessoais, documentos financeiros e legais, memorandos de empresa e outros materiais reveladores. Após a divulgação do nosso trabalho, houve pouco debate público sobre o que Weinstein tinha feito com aquelas mulheres; a discussão foi sobre o que devia ser feito em resposta. Mas ele continua a negar todas as queixas de sexo não consensual e afirmou repetidas vezes que nossa apuração foi incorreta. “O que vocês têm aqui são alegações e acusações, não fatos absolutos”, disse um porta-voz quando exigimos uma resposta às revelações apresentadas neste livro.

Ela disse alterna entre o que descobrimos ao longo do nosso trabalho original sobre Weinstein em 2017 e a quantidade considerável de informações que reunimos desde então. Grande parte das novas apurações que vamos apresentar aqui ajuda a ilustrar como o sistema jurídico e a cultura corporativa serviram para silenciar vítimas e ainda inibem a mudança. As empresas são cooptadas a proteger abusadores. Algumas das pessoas que defendem mulheres lucram com um sistema de indenizações financeiras que encobre infrações. Muitas pessoas que vislumbram o problema — como Bob Weinstein, irmão e sócio de Harvey, que deu longas entrevistas para este livro — fazem pouco para tentar impedir que ele continue ocorrendo.

Enquanto escrevemos estas linhas, em maio de 2019, Weinstein aguarda um julgamento criminal por acusações de estupro e outros abusos sexuais, e pode sofrer uma saraivada de processos civis nos quais atrizes, ex-funcionárias e outras mulheres buscam reparação financeira por suas ações. Independentemente do resultado desses casos, esperamos que este livro sirva como uma denúncia duradoura do legado de Weinstein: a exploração do

ambiente de trabalho para manipular, pressionar e aterrorizar mulheres.

Nos meses que se seguiram às revelações que fizemos sobre Weinstein, conforme o movimento #MeToo explodia, também explodiram novas discussões que iam desde estupro conjugal até abuso sexual infantil, discriminação por gênero e ainda situações constrangedoras em festas. Isso fez o debate público parecer rico e profundo mas também confuso: os objetivos eram eliminar o assédio sexual, mudar o sistema de Justiça criminal, acabar com o patriarcado ou flertar sem ofender? Será que o acerto de contas tinha ido longe demais, com homens inocentes tendo sua reputação manchada sem que houvesse provas convincentes? Ou não tinha ido longe o suficiente, dada a frustrante falta de uma mudança sistêmica?

Quase exatamente um ano depois que nossa matéria sobre Weinstein foi publicada, a dra. Christine Blasey Ford, uma professora de psicologia da Califórnia, prestou depoimento diante de uma comissão do Senado dos Estados Unidos e acusou o juiz Brett Kavanaugh, então candidato a uma vaga na Suprema Corte, de ter cometido uma agressão sexual contra ela na época do ensino médio, quando estava bêbado. Ele negou veementemente a alegação. Algumas pessoas viram Ford como uma grande heroína do movimento #MeToo. Outras a viram como um símbolo do exagero — uma justificativa viva para a crescente retaliação.

Nós a vimos como a protagonista de uma das mais complexas e reveladoras histórias em que a palavra de uma mulher foi colocada contra a de um homem, em especial quando começamos a descobrir quanto da sua caminhada até aquele depoimento no Senado não tinha sido compreendida pelo público. Jodi viu Ford na sala de audiências, observou parte de sua equipe de advo-

gados trabalhando e se encontrou com ela na manhã seguinte. Em dezembro, Megan fez a primeira entrevista pós-audiência com Ford, durante um café da manhã em Palo Alto. Nos meses seguintes, conduziu dúzias de horas de entrevistas extras com Ford sobre a forma como ela decidiu falar e quais foram as consequências daquilo. Também conversamos com outras pessoas que moldaram e testemunharam a experiência dela. Vamos contar aqui a história da jornada de Ford até Washington e como um número avassalador de pontos de vista, instituições, forças políticas e medos a afetaram.

Muitas pessoas se perguntam como Ford tem passado desde seu depoimento. O capítulo final deste livro traz uma entrevista em grupo única, na qual reunimos algumas das mulheres sobre as quais escrevemos nessas diversas matérias, inclusive Ford. Mas algo maior também foi posto em risco na odisseia de Christine Blasey Ford: a pergunta sobre o que impele e impede o progresso. O movimento #MeToo é um exemplo da mudança social no nosso tempo, mas funciona também como um teste: nesse ambiente fragmentado, conseguiremos criar uma série de regras e proteções que serão justas para todos?

Ela disse traz o relato de dois anos espantosos na vida das mulheres dos Estados Unidos e de outras partes do mundo. Essa história pertence a todas nós que a vivemos: ao contrário de algumas investigações jornalísticas que lidam com segredos governamentais ou corporativos, aqui falamos de experiências que muitas de nós reconhecemos de nossa própria vida, do ambiente de trabalho, da família e da escola. Mas escrevemos este livro de modo a nos aproximar tanto quanto possível do ponto de partida.

Para relatar esses acontecimentos da maneira mais direta e autêntica possível, incorporamos transcrições de entrevistas, e-mails e outras fontes primárias. Usamos anotações que fizemos durante as primeiras conversas que tivemos com estrelas de cine-

ma sobre Weinstein, uma carta que Bob Weinstein escreveu questionando o irmão, trechos de mensagens de texto enviadas por Ford e muitos outros materiais em primeira mão. Parte do que compartilhamos neste livro foi obtida originalmente de pessoas que não queriam ter sua história publicada, mas através de apurações adicionais, em que voltamos a fazer contato com as partes envolvidas, pudemos incluir esses relatos aqui. Através de registros e entrevistas, conseguimos mostrar conversas e eventos que não testemunhamos pessoalmente. No total, este livro se baseia em três anos de apurações e centenas de entrevistas feitas em locais que vão de Londres a Palo Alto — as notas detalham quais informações obtivemos através de cada fonte ou documento.

Por último, este livro é uma crônica da parceria que desenvolvemos enquanto tentávamos compreender os acontecimentos. Para evitar confusão, escrevemos sobre nós mesmas na terceira pessoa (num relato em primeira pessoa da nossa apuração, que foi colaborativa, mas muitas vezes envolvia cada uma seguindo um caminho diferente, “eu” poderia fazer referência tanto a Jodi quanto a Megan). Então, antes de começarmos a contar a história, gostaríamos de dizer, com nossa própria voz: obrigada por fazer parte da nossa parceria ao longo destas páginas, por tentar desemaranhar acontecimentos e pistas como nós tentamos, por testemunhar o que testemunhamos e por ouvir o que ouvimos.

1. O primeiro telefonema

A investigação do *New York Times* sobre Harvey Weinstein começou sem que a fonte mais promissora aceitasse falar conosco, nem mesmo por telefone.

“O problema é que já fui muito maltratada pelo seu jornal em algumas ocasiões, e acho que a causa foi machismo”,¹ escreveu a atriz Rose McGowan no dia 11 de maio de 2017, respondendo a um e-mail em que Jodi pedia para conversar com ela. McGowan fez uma lista das suas críticas: um discurso que ela tinha feito num evento político saiu na seção de moda, e não nas páginas de notícias. Uma conversa que tivera com outro repórter do jornal sobre Weinstein fora constrangedora.

“O *NYT* precisa prestar atenção ao próprio machismo”, respondeu ela. “Não tenho intenção de ajudar.”

Meses antes, McGowan havia acusado um produtor anônimo — que parecia ser Weinstein — de tê-la estuprado. “Porque é um segredo de polichinelo em Hollywood e na mídia, e me fizeram passar vergonha enquanto adulavam meu estuprador”,² ela tinha escrito no Twitter, acrescentando a hashtag #WhyWomen-

DontReport [por que as mulheres não denunciam]. Depois, passou a dizer que estava escrevendo um livro de memórias cuja intenção era expor a maneira como a indústria do entretenimento tratava mal as mulheres.³

Ao contrário de praticamente todas as outras pessoas de Hollywood, McGowan tinha um histórico de arriscar a própria carreira para denunciar o machismo: certa vez tuitou sobre os trajes ofensivos que tinham sido exigidos num teste de elenco para um filme com Adam Sandler: “regata com decote (é encorajado o uso de sutiã push-up)”.⁴ Em geral, seu tom nas redes sociais era duro, combativo. “Tudo bem sentir raiva. Não tenha medo disso”, escrevera ela no Twitter um mês antes, acrescentando depois: “desmonte o sistema.”⁵ Se nem McGowan, que era ativista além de atriz, queria ter uma conversa que depois pudesse ser citada na matéria, quem ia querer?

Harvey Weinstein não era o homem do momento. Nos últimos anos, sua magia de produtor de cinema vinha falhando. Mas seu nome era sinônimo de poder, especificamente do poder de lançar e alavancar carreiras. Weinstein tinha inventado a si próprio, passando de uma infância modesta no Queens, em Nova York, para a promoção de shows e a distribuição e produção de filmes; e parecia saber como fazer tudo ao seu redor ficar grande — filmes, festas e, principalmente, pessoas. Weinstein havia levado jovens atores ao estrelato, como Gwyneth Paltrow, Matt Damon, Michelle Williams e Jennifer Lawrence. Era capaz de transformar filmes independentes desconhecidos, como *Sexo, mentiras e videotape* e *Traídos pelo desejo*, em fenômenos. Foi pioneiro na corrida moderna pelo Oscar, já tendo recebido cinco estatuetas de melhor filme para si próprio e inúmeras outras para terceiros. Vinha arrecadando dinheiro para Hillary Clinton e aparecia ao lado dela com esse propósito em eventos havia quase duas décadas. Quando Malia Obama quis fazer um estágio na indústria de

cinema, trabalhou para o “Harvey” — identificado apenas pelo primeiro nome até por muitos desconhecidos. Apesar de os filmes de Weinstein não serem mais tão bem-sucedidos, sua reputação continuava gigantesca em 2017.

Boatos sobre a maneira como Weinstein tratava as mulheres circulavam havia bastante tempo. Faziam piada com isso em público: “Parabéns a essas cinco mulheres que não precisam mais fingir que acham Harvey Weinstein bonito”, disse o comediante Seth MacFarlane no evento em que os indicados ao Oscar de 2013 foram anunciados. Mas muitas pessoas acreditavam que ele era só mulherengo, e nada tinha sido documentado publicamente. Outros jornalistas haviam tentado e fracassado antes. Em 2015, o Departamento de Polícia da Cidade de Nova York (NYPD) investigou uma denúncia de assédio contra Weinstein, mas o caso foi encerrado sem queixas criminais. “Em algum momento, todas as mulheres que têm medo de denunciar Harvey Weinstein vão ter que dar as mãos”,⁶ tuitou na época a jornalista Jennifer Senior. Dois anos tinham se passado desde então. Nada havia acontecido. Jodi ouvira falar que dois outros repórteres, um redator da *New York Magazine* e Ronan Farrow, da rede NBC, tinham investigado o assunto, mas nenhuma matéria fora publicada.

Será que os rumores sobre as interações de Weinstein com mulheres estavam errados? Será que o tuíte de McGowan se referia a outra pessoa? Em público, Weinstein se gabava de dar apoio à causa feminista. Ele tinha acabado de fazer uma doação vultosa para ajudar a criar uma cátedra universitária no nome de Gloria Steinem. Sua empresa havia feito a distribuição de *The Hunting Ground*, um documentário-denúncia sobre o assédio sexual nas universidades. Weinstein tinha até participado das históricas Marchas das Mulheres em janeiro de 2017, juntando-se à multidão que saiu de gorro cor-de-rosa em Park City, Utah, durante o Festival Sundance de Cinema.⁷